

## Interpretação das sensações Interpretation of the sensations

ANDRÉ RENAN NOARA<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente estudo tem como objetivo elaborar uma análise referente ao modo com o qual as experiências fenomênicas de primeira pessoa são trabalhadas na filosofia da linguagem de Ludwig Wittgenstein (1889-1951), mais precisamente em sua obra *Investigações Filosóficas* (1953), assim como, apresentar a necessidade do uso da hermenêutica para a interpretação das mesmas nos jogos de linguagem. A metodologia abordada para o presente trabalho, visando alcançar os objetivos propostos, se dará da seguinte forma: primeiramente faremos uma breve análise relacionada ao conceito de *qualia*. Em um segundo momento, analisaremos os conceitos acerca da impossibilidade de uma linguagem privada em Wittgenstein e o conceito de jogos de linguagem por ele formulado. Em uma terceira etapa, observaremos o papel fundamental exercido pela hermenêutica nos jogos de linguagem. Acredito que o presente estudo trará para o leitor uma melhor compreensão em relação ao conceito de *qualia*, assim como, uma iniciação à filosofia wittgensteiniana referente à teoria dos jogos de linguagem. O leitor também irá perceber os motivos pelos quais a hermenêutica é fundamental para a compreensão correta das expressões linguísticas.

**Palavras-chave:** Experiência. *Qualia*. Linguagem.

**Abstract:** This study aims to create an analysis about the way the phenomenon experiences of the first subject are worked in the language philosophy of Ludwig Wittgenstein (1889-1951) specific in his work *Philosophical Investigation* (1953). Also, it aims to present the need of the hermeneutic use to the interpretation of them in the language games. The methodology used is organized in the following way: first of all it will be done a brief analysis related to the *qualia* concept. In a second moment, it will be analyzed the concepts concerned to the impossibility of a private language in Wittgenstein and his language games. Third, it will be observed the main role practiced by the hermeneutic in the language games. It is believed that this work will bring a better comprehension of the *qualia* concept and an initiation in the Wittgenstein philosophical idea of theory of language games. The reader will also realized the motives that hermeneutic is essential to the right comprehension of the linguistic expressions.

**Keywords:** Experiences. *Qualia*. Language.

### Introdução

Sabemos exatamente o que a palavra “dor” significa. Sabemos também o que os outros querem dizer quando a ela se referem. Porém, só conhecemos aquilo que a palavra “dor” denota, a partir de nós mesmos. Só podemos conhecer o significado da palavra “dor” a partir de nossas próprias sensações de dor. Mas o que são essas sensações? E de que forma elas se relacionam com as palavras? E mais: se podemos

---

<sup>1</sup>Universidade Federal Fronteira Sul Campus Erechim. E-mail: andre\_noara@hotmail.com

apenas conhecer nossas próprias sensações, de que modo compreendemos o que os outros nos falam quando nos comunicam acerca daquilo que estão a sentir?

Essas são as três questões-chave que irão nortear o presente estudo. A reflexão em torno da primeira questão vai ser o primeiro passo da investigação. Esse movimento se faz necessário devido ao fato da segunda questão requerer, no mínimo, uma breve introdução do modo como se dá a existência dos fenômenos internos. Uma vez compreendido os critérios básicos que definem os fenômenos internos, abordaremos parte da filosofia wittgensteiniana da linguagem, mais especificamente o conceito de jogos de linguagem e a impossibilidade de uma linguagem privada. Esclarecido o conceito de jogos de linguagem, investigaremos a resposta para a terceira questão.

A compreensão da resposta da terceira questão depende do entendimento da resposta da primeira e da segunda questão. Observaremos, com as respostas das duas primeiras questões, que as sensações só podem ser realmente conhecidas a partir de nós mesmos. Contudo, a partir dos jogos de linguagem, é possível expressá-las de um modo suficientemente capaz de gerar compreensão nos demais. O modo com o qual ocorre a compreensão diz respeito à resposta da terceira questão. Na terceira questão, exploraremos a necessidade do caráter interpretativo nos jogos de linguagem, caráter este, fundamentalmente expressado pelo movimento hermenêutico, advindo do momento em que buscamos o sentido correto dos termos que compõe as expressões linguísticas. Creio que dividindo o presente estudo nesses três momentos, estaremos mais propícios a compreendê-lo. Passemos, então, à análise do primeiro ponto.

### **O que são os *qualia*?**

A maior dificuldade com a qual os pensadores da filosofia da mente se depararam na contemporaneidade são os *qualia*. Os *qualia* ficaram conhecidos a partir da divisão feita por David Chalmers (1966), em seu artigo intitulado *O Enigma da Experiência Consciente* (1995), como o “*hard problem*” da consciência. Chalmers divide os problemas da consciência entre os “*easy problems*” e o “*hard problem*”. Os problemas fáceis da consciência (“*easy problems*”) “dizem respeito aos mecanismos objetivos do sistema cognitivo.” (CHALMERS, 2004, p. 3) Ou seja, são os problemas relacionados ao modo como se dão certos processos cerebrais e como esses processos seriam capazes de promover funções e comportamentos cognitivos. Já o problema difícil da consciência (“*hard problem*”) se dá em relação à explicação dos *qualia*. A dificuldade de encontrar argumentos capazes de desenvolver explicações suficientes para o problema dos *qualia* é tamanha. Não é por acaso que encontramos dezenas de teorias distintas tentando dar conta de explicar essa problemática.

Porém há um grande desacordo entre essas teorias. Os *qualia*, de certo modo, são uma “carta na manga” para os filósofos que defendem uma concepção dualista<sup>2</sup> do problema mente e corpo. Já para os monistas<sup>3</sup>, os *qualia* são uma enorme obstrução, que torna muito difícil a conclusão de uma teoria suficientemente convincente. Mas, afinal, o que são os *qualia*?

O termo *qualia* refere-se às experiências qualitativas de primeira pessoa. Experiências que ocorrem dentro de um âmbito inobservável pelos demais. Ou seja, os *qualia* existem de modo restrito. Eles correspondem a todas as experiências fenomênicas internas e subjetivas de alguém. Temos excelentes exemplos para explicar o que são os *qualia*. Em minha opinião, um dos melhores exemplos é formulado por Frank Cameron Jackson (1943), em seu artigo *What Mary Didn't Know*<sup>4</sup> (1986). Observemos o exemplo de Jackson:

Mary está fechada num quarto preto e branco, é educada por meio de livros a preto-e-branco e de aulas transmitidas numa televisão a preto-e-branco. Deste modo, aprende tudo o que há para conhecer sobre a natureza física do mundo. Conhece todos os factos físicos sobre nós e o nosso ambiente, num sentido lato de “físicos”, que inclui tudo em física, química e neurofisiologia completas, e tudo o que há para conhecer sobre os factos causais e relacionais que resultam de tudo isto, incluindo, claro, os papéis funcionais. Se o fisicismo for verdadeiro, Mary conhece tudo o que há para conhecer. Pois supor que não o conhece é supor que há mais para conhecer do que todo o facto físico, e isto é precisamente o que o fisicismo nega. Parece, contudo, que Mary não conhece tudo o que há para conhecer. Pois quando a deixam sair do quarto a preto-e-branco ou lhe dão uma televisão a cores, aprenderá, digamos, como é ver algo vermelho. Isto é correctamente descrito como aprendizagem — Mary não dirá “pois”. Logo, o fisicismo é falso. Este é o argumento do conhecimento contra o fisicismo numa das suas versões. (JACKSON, 1986, p.1).

Esse exemplo de experimento mental elaborado por Jackson é bem intuitivo e suficiente para esclarecer o conceito de *qualia*. Pensemos: Mary conhecia tudo aquilo que compunha a química, a física e a neurofisiologia do mundo, porém nunca teve experiência acerca das cores. Ao sair do quarto, Mary se depara com a cor

<sup>2</sup> Os dualistas não aceitam de forma alguma que as experiências conscientes (*qualia*) possam ser reduzidas ao físico, ou seja, ao corpo. Os *qualia*, para os dualistas, são a maior prova de que a mente não é física. Sendo assim, os dualistas desenvolvem teorias que visam salvaguardar a mente, distinguindo-a do corpo.

<sup>3</sup> A corrente monista, por horror ao dualismo, busca incessantemente encontrar formas de reduzir as experiências conscientes a processos cerebrais. Os monistas acreditam que, ao aceitarem os *qualia*, conseqüentemente, aceitarão o dualismo. Logo, o monismo rejeita a existência dos *qualia* ou procura formas de reduzi-los ao físico. Sempre que for empregada a palavra monismo aqui, estarei me referindo ao monismo materialista. Além dessa categoria de monismo, existe também o monismo idealista. A perspectiva monista idealista não entrará em questão no presente trabalho.

<sup>4</sup> Tradução: O que Mary não sabia.

vermelha. A pergunta que fica é: Mary aprendeu algo novo? A resposta de Jackson é sim. Ou seja, para Jackson, Mary aprendeu a experiência de ver vermelho. A partir dessa experiência, Mary obteve por completo o conhecimento de vermelho. Só os elementos químicos, físicos e neurofisiológicos, foram insuficientes para obter a totalidade do conhecimento do vermelho. Logo, podemos deduzir que os *qualia* não pertencem a propriedades físicas, químicas ou neurofisiológicas. Os *qualia* são, dentro da perspectiva de Jackson, experiências subjetivas que “[...] se sobrepõe a qualquer tipo de descrição física que possamos ter do nosso funcionamento cerebral” (TEIXEIRA, 2008, p.96). São experiências conscientes qualitativas de primeira pessoa. Experiências fenomênicas que ocorrem apenas na consciência e, conseqüentemente, se distinguem da física do mundo.

Essa abordagem acerca da problemática dos *qualia* foi feita por dois motivos: Primeiramente, para elucidarmos a respeito do que são as experiências conscientes a partir dessa perspectiva apresentada. E segundo, para facilitar a compreensão do argumento de Ludwig Wittgenstein (1889-1951) referente à impossibilidade de uma linguagem privada. A partir do exemplo de Frank Jackson, é possível percebermos que as experiências conscientes carecem de objetividade, pois todas se dão dentro de um âmbito subjetivo. Ou seja, são fenômenos que ocorrem na consciência de cada um. Sendo assim, há possibilidade de traduzirmos, de modo claro e objetivo, nossas experiências conscientes para a linguagem? É o que veremos a seguir.

66

### É possível nomear minhas sensações?

Em sua obra intitulada *Investigações Filosóficas* (1953/1994), Ludwig Wittgenstein<sup>5</sup> faz uma profunda análise da linguagem e do modo com o qual nos relacionamos com ela. No decorrer dessa análise, Wittgenstein se depara com um problema bem interessante: “Como é que as palavras se *relacionam* com as sensações?” (WITTGENSTEIN, 1994, § 244) Essa questão a qual Wittgenstein se depara diz respeito aos *qualia*. Como analisamos anteriormente, os *qualia* são as experiências conscientes de primeira pessoa. Sendo assim, é possível criarmos uma linguagem para essas experiências subjetivas? É possível uma linguagem na qual,

[...] alguém, para seu próprio uso, pudesse anotar ou expressar suas vivências interiores – seus sentimentos, seus estados de espírito etc.? – Não podemos fazer isso com nossa linguagem usual? – Mas não é isto que tenho em mente. As palavras desta linguagem devem relacionar-se com o que só quem fala pode saber: isto é, com suas sensações imediatas e privadas. Portanto, outra pessoa não pode entender esta linguagem. (WITTGENSTEIN, 1994, § 243).

<sup>5</sup> A teoria wittgensteiniana abordada no presente trabalho refere-se à filosofia mais madura de Wittgenstein. Ou seja, aquela na qual a linguagem lógica não é mais o campo central de investigação, mas sim a interpretação e a compreensão da linguagem.

Como percebemos, Wittgenstein nega a possibilidade de haver comunicação com os demais por meio de tal linguagem. Em princípio, ele afirma que ela se restringe ao seu criador. Somente aquele que sente as sensações pode atribuir um nome para designá-las e posteriormente reconhecê-las a partir de tal designador. Porém ele vai além: “Mas como é que se faz a ligação do nome com o denominado?” (WITTGENSTEIN, 1994, § 244) De que forma podemos nomear nossas sensações a tal ponto de reconhecê-las no futuro? Antes de apresentar a resposta de Wittgenstein para tal questão, acredito ser necessário observarmos primeiramente o seu conceito de jogos de linguagem, pois, para ele, os jogos de linguagem são essenciais para a compreensão de toda e qualquer linguagem.

Wittgenstein, em contrapartida “ao jovem Wittgenstein”, escritor do *Tractatus Logico-Philosophicus* (1968), publicado em 1921, se opõe ao modo referencial de linguagem, para ele, não há um único modo pelo qual a linguagem funciona, isto é, a linguagem não pode ser reduzida a uma única forma de atividade dentro da relatividade de ocasiões decorrentes dentro do cotidiano, por exemplo, discurso político, poemas, cantar uma cantiga de roda etc. A “madura” filosofia wittgensteiniana critica as concepções que observam na linguagem apenas seu caráter designativo, ao passo que, para ele, a linguagem é mais que um mero instrumento de designação. Reduzir a significação de uma palavra à sua capacidade de designar um objeto seria um grande equívoco. Segundo Wittgenstein<sup>6</sup>, seria como olhar para as várias alavancas na cabine de um maquinista e pensar que, por terem uma forma parecida, todas possuem a mesma função. Analogamente, assim como as funções das alavancas são variadas, as palavras possuem várias aplicabilidades dentro da linguagem, não se restringindo à mera designação de objetos.

De acordo com Wittgenstein, a linguagem ocorre a partir de jogos de linguagem, jogos estes, relativos à diversidade de ocasiões onde a linguagem se expressa, isto é, para ele, a linguagem não é um formalismo universal, mas sim uma relação dependente do âmbito onde a mesma se expressa, uma relação que depende, de certo modo, de um treinamento por parte dos indivíduos, pois, cada jogo de linguagem possui suas próprias regras.

Wittgenstein “[...] elege o jogo como analogia para definir a maneira como a linguagem está estruturada, ele está conscientemente chamando a atenção para o fato da linguagem não poder ser definida de maneira unívoca e definitiva” (BRITO, 2005, p.92). A impossibilidade da univocidade da linguagem ocorre devido as diferentes possibilidades de aplicabilidade dos termos. Esse é um dos pontos fundamentais da teoria de Wittgenstein. A linguagem não é unívoca, mas sim equívoca. Devido a esta múltipla aplicabilidade dos termos, surgem múltiplos significados dos mesmos que, por consequência, geram múltiplos sentidos. Ou seja,

---

<sup>6</sup> WITTGENSTEIN, 1994, § 12.

do mesmo modo que existem diferentes sentidos para um termo, existem diferentes jogos no qual este termo se expressa.

De certo modo, poderíamos afirmar que cada jogo de linguagem ocorre dentro de certo contexto no qual a linguagem está sendo aplicada. Analogamente, assim como diferentes jogos requerem diferentes regras, diferentes contextos requerem diferentes sentidos. Ou seja, a partir das “regras deve-se buscar o sentido das expressões linguísticas” (BRITO, 2005, p.93). Compreender as regras de um jogo é fundamental para sabermos jogá-lo. Na linguagem ocorre o mesmo. Mas quanto à linguagem privada? Como saberemos qual é o jogo de linguagem? Como saberemos quais são as regras a serem seguidas?

Toda linguagem, para ser coerente e compreensível, de acordo com a visão wittgensteiniana, precisa ser regrada. Regras são, necessariamente, públicas. Nenhuma linguagem privada é pública. Logo, nenhuma linguagem privada pode ser coerente e compreensível. Ou seja, a hipótese de uma linguagem privada se auto refuta. Essa vai ser a conclusão de Wittgenstein. Para aclarar a validade desse argumento, abordemos o exemplo do diário que Wittgenstein nos oferece:

Imaginemos o seguinte caso. Quero escrever um diário sobre a repetição de uma determinada sensação. Para isto eu a associo ao signo “S” e escrevo este signo num calendário, cada dia em que tiver a sensação. – Quero fazer notar, em primeiro lugar, que não se pode formular uma definição ostensiva! – Como? Posso apontar para a sensação? – Não em sentido ordinário. No entanto eu digo ou escrevo o signo e, ao mesmo tempo, concentro minha atenção na sensação – aponto, por assim dizer, interiormente para ela. [...] este processo faz com que, no futuro, me lembre corretamente da ligação. Em nosso caso, porém, não tenho nenhum critério de correção. Poder-se-ia dizer aqui: é correto o que sempre me parece correto. E isto significa apenas que aqui não se pode falar em “correto” (WITTGENSTEIN, 1994, § 258).

68

A partir do exemplo nos é possível detectar a impossibilidade de correção para uma linguagem desse tipo. Ou seja, não há nenhum critério que nos garanta a coerência em relação a uma sensação e outra. Não há como atribuir um nome para designar uma determinada sensação e, em uma ocorrência futura, reconhecê-la sem nenhuma dúvida acerca de sua coerência. Sendo assim, de que forma comunicamos nossos estados internos de modo a sermos compreendidos? Como traduzir nossos *qualia* para o público?

As respostas para estas questões nortearão a sequência de nosso estudo. Buscarei, a partir daqui, desenvolver uma aproximação entre a filosofia de Wittgenstein e alguns conceitos da hermenêutica filosófica, objetivando demonstrar a hermenêutica enquanto necessidade para o funcionamento dos jogos de linguagem.

## O jogo da interpretação

Como observamos anteriormente, a filosofia wittgensteiniana adverte para a impossibilidade da univocidade terminológica da linguagem. Logo, compreender o sentido no qual os termos estão sendo empregados é fundamental para a ocorrência de uma comunicação perfeita. Para compreender tal sentido, necessitamos seguir as regras corretas de um determinado jogo linguístico, visando como objetivo encontrar o contexto das expressões linguísticas. Mas de que modo isso ocorre? De modo hermenêutico!

A hermenêutica<sup>7</sup>, enquanto dimensão filosófica, “[...] radica na filosofia como pesquisadora da verdade, como gestadora e interprete de conceitos, como perscrutadora de sentido e significados” (GRODIN, 1999, p.10-11). Ela “[...] procura integrar duas áreas teóricas da compreensão humana: a tematização daquilo que está inerente ao fato de compreender um discurso ou um texto e a tematização do que é a própria compreensão, em seu sentido mais “fundante e existencial” (GRODIN, 1999, p.11). A utilidade fundamental da hermenêutica para os jogos de linguagem corresponde à compreensão de discursos.

De acordo com a filosofia wittgensteiniana, compreender um jogo de linguagem é compreender o sentido no qual os termos estão sendo expressos. Através da correta compreensão do sentido dos termos se torna possível compreender o contexto das expressões linguísticas. A hermenêutica é fundamental para entendermos o sentido dos termos. Logo, a hermenêutica se torna necessária para a obtenção do contexto das expressões linguísticas nos jogos de linguagem. Ou seja, é a partir dela que interpretamos qual é o sentido correto das expressões linguísticas empregadas em um diálogo.

Após esta brevíssima análise referente à função desempenhada pela hermenêutica nos jogos de linguagem, veremos, através de um exemplo, o modo com o qual ela opera quando o conteúdo de um determinado diálogo faz referência a um estado qualitativo interno de primeira pessoa (*qualia*). Nas palavras de Wittgenstein (1994, § 244):

Como é que as palavras se relacionam com as sensações? - Não parece haver nisso nenhum problema; pois não falamos diariamente de sensações e lhes damos nomes? Mas, como é que fazemos a ligação do nome com o denominado? É o mesmo que perguntar: como é que um homem aprende o significado dos nomes das sensações? - por exemplo, da palavra “dor”. Uma possibilidade seria: as palavras estão vinculadas à expressão original natural, e são colocadas no seu lugar. Quando uma criança se machuca, ela grita; os adultos consolam-na e ensinam-lhe exclamações e, mais tarde, frases. Ensinam à criança um novo comportamento de dor.

<sup>7</sup> A Hermenêutica utilizada no presente estudo faz menção à Hermenêutica Filosófica.

Wittgenstein, através do exemplo, afirma que o aprendizado do significado da palavra “dor” se dá juntamente com o *qualia* referente à dor. Isto é, no momento em que a criança tem este estado interno qualitativo (dor), ela, em princípio, naturalmente o expressa através de gritos. Porém de imediato, os adultos que ali se fazem presentes e que, conseqüentemente, já possuem tal conhecimento, ensinam, gradativamente, um novo comportamento à criança perante a sensação. “A partir deste momento sempre que a criança se machucar ela não vai somente gritar, mas possivelmente vai denotar um significado mais profundo a sensação que experimenta e que agora consegue relacionar com a palavra dor” (CARRICONDE, 2015, p.7).

Ou seja, Wittgenstein busca demonstrar que a conexão entre a palavra e a sensação é estabelecida indiretamente, isto é, através de um comportamento. Contudo, esse comportamento não é algo natural, mas sim convencionado. Apesar da subjetividade existente em relação ao meio com o qual a sensação de dor afeta cada um de nós, todos aprendemos uma maneira de nos portarmos perante a mesma. Ou seja, não aprendemos um nome para a sensação de dor, mas sim, uma maneira de se portar diante dela, um comportamento expressivo da sensação de dor. A frase “eu estou com dor” é um comportamento convencionado linguisticamente para expressar tal sensação.

Mas onde entra a hermenêutica no exemplo da sensação de dor? Bem, primeiramente, analisemos o seguinte ponto: a dor é um fenômeno de primeira pessoa. Conseqüentemente, não é possível sentir a dor de outro. Pensemos essa afirmação a partir do exemplo do besouro oferecido por Wittgenstein (1994, § 293):

Suponhamos que cada um tivesse uma caixa na qual estivesse algo a que chamamos “besouro”. Ninguém pode olhar dentro da caixa do outro; e cada um diz saber o que é um besouro apenas a partir da visão de *seu* besouro. – Entretanto, poderia ser que cada um tivesse uma coisa diferente em sua caixa.

A partir desta passagem de Wittgenstein, podemos perceber que do mesmo modo como ocorre com a caixa com o “besouro”, ocorre com as sensações, pois sabemos exatamente o que significa, por exemplo, a palavra “dor”, porém seu significado só é cognoscível a partir de nós mesmos. Só conseguimos compreender o sentido da palavra “dor” a partir de nossa própria experiência interna da sensação de dor. Sendo assim, como comunicamos nossas sensações e compreendemos as dos demais? Interpretando-as!

É a partir da interpretação que comunicamos e compreendemos as sensações: “[...] conseguimos entender quando alguém nos diz que está sentindo dor porque compartilhamos desta sensação e a identificamos com o significado que a ela foi dado em determinado contexto” (CARRICONDE, 2015, p.7). Compreender esse determinado contexto é essencial para interpretarmos de maneira correta o sentido



no qual a palavra “dor” está sendo empregada. A hermenêutica é quem torna possível a compreensão correta do contexto, pois, como afirma Hans-Georg Gadamer (1900-2002), ela “[...] é a arte de evitar mal entendidos” (GADAMER, 2003, p.255). Ou seja, compreendemos o sentido no qual a palavra “dor” está sendo empregada e, a partir de então, interpretamos a dor do outro a partir de nossa própria experiência de dor.

Percebemos assim que as sensações alheias nos são informadas através de determinadas palavras que, posteriormente, ganham sentido quando interpretadas por nós a partir de nossas próprias experiências. As palavras que expressam tais sensações como a dor, por exemplo, fazem parte do “[...] processo de constituição, afirmação e reconhecimento do sujeito e de todos os seus fenômenos tanto interiores quanto exteriores” (CARRICONDE, 2015, p.9). Esse processo de constituição se dá através dessa linguagem comunitária que se expressa nos jogos de linguagem. Ou seja, todas as palavras, inclusive as palavras que expressam nossas sensações internas, pertencem ao domínio público. A hermenêutica é fundamental para o sucesso interpretativo das palavras desse domínio. Não só em relação à comunicação das sensações, mas sim em todo e qualquer tipo de discurso.

Todo discurso é parte de um jogo de linguagem e se configura, segundo Manfred Frank (1945), como a “[...] manifestação da gramática da língua, mas uma gramática historicamente dada, que conserva a interpretação coletiva e prática, que, em dada época, determinado grupo ou sociedade fez referente à relação entre os seus membros e ao mundo que lhes é comum.”(RUEDELL 2012, p. 5 apud FRANK, 1985, p. 290.) Ou seja, sob essa perspectiva, a comunicação perfeita depende da apreensão do contexto histórico-social no qual a linguagem se expressa. E a apreensão desse contexto é o papel fundamental desempenhado pelo exercício hermenêutico que se faz presente nos processos internos dos jogos de linguagem.

### **Considerações finais**

A partir do presente estudo nos foi possível perceber a forma de existência dos fenômenos qualitativos de primeira pessoa. Identificamos o caráter subjetivo e inobservável dos mesmos. Cientes destas peculiaridades correspondentes às experiências qualitativas, passamos a investigar a possibilidade da formulação de uma linguagem privada capaz de identificar cada um dos fenômenos internos que conhecemos. Em meio a esta investigação observamos, a partir da filosofia de Wittgenstein, que toda linguagem, para ser coerente e compreensível, precisa ser regrada. Como vimos, todas as regras são, necessariamente, públicas. Assim sendo, em acordo com o pensamento de Wittgenstein, concluímos, por consequência, a impossibilidade de uma linguagem privada coerente e compreensível.

Sabedores da impossibilidade de uma linguagem restrita, fomos à busca de respostas acerca da forma com a qual comunicamos aos demais nossas sensações.

Em meio a isso analisamos, brevemente, os conceitos de Wittgenstein acerca dos jogos de linguagem. A partir dessa análise, percebemos que a compreensão do sentido dos termos é de caráter essencial para interpretarmos de maneira correta o sentido das expressões linguísticas. Ao compreendermos o sentido no qual, por exemplo, a palavra “dor” está empregada, percebemos que nos é possível interpretar a dor do outro a partir de nossa própria experiência de dor. Sendo assim, concluímos que as palavras que expressam as sensações, como a dor, por exemplo, fazem parte do processo de constituição, afirmação e reconhecimento de nós mesmos em relação aos nossos estados qualitativos. Concluímos também que o aspecto fundamental que nos torna possível compreender a dor de outro é nossa capacidade interpretativa. Desse modo, destacamos o papel fundamental da hermenêutica na compreensão dos jogos de linguagem. É a partir do movimento hermenêutico que comunicamos e compreendemos, através da linguagem, o real sentido presente nos termos de uma determinada expressão linguística.

## Referências

- BRITO, R. *O público e o privado em Wittgenstein: da definição ostensiva aos jogos de linguagem*. Fortaleza, Vol. I, N.º 1, 2005, P.79-98. Disponível em: <[http://www.uece.br/polymatheia/dmdocuments/polymatheia\vn1\\_publico\\_privado\\_wittgenstein.pdf](http://www.uece.br/polymatheia/dmdocuments/polymatheia\vn1_publico_privado_wittgenstein.pdf)>. Acesso em: 30/03/2018.
- CARRICONDE, B. L. *A impossibilidade de uma linguagem privada em Wittgenstein e suas consequências na teoria da linguagem do pensamento em Jerry Fodor*. 2015. Disponível em: <<https://riuni.unisul.br/bitstream/handle/12345/2953/A%20IMPOSSIBILIDADE%20DE%20UMA%20LINGUAGEM%20PRIVADA%20EM%20WITTGENSTEIN%20E%20SUAS%20CONSEQU%C3%84NCIAS%20NA%20TEORIA%20DA%20LINGUAGEM%20DO%20PENSAMENTO%20EM%20JERRY%20FODOR%20.pdf?sequence=4&isAllowed=y>>. Acesso em: 05/04/2018.
- CHALMERS, D. *O enigma da experiência consciente*. Tradução: Luís M.S. Augusto. Crítica, 2004. Disponível em: <<http://criticanarede.com/docs/chalmers.pdf>>. Acesso em: 25/03/2018.
- GADAMER, H. G. *Verdade e método: Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. 5 ed. Petrópolis, RJ, Vozes. 2003.
- GRONDIN, J. *Introdução à hermenêutica filosófica*. São Leopoldo, RS: Unisinos, 1999.
- JACKSON, C. *What Mary didn't know*. The Journal of Philosophy, Vol. 83, N.º 5 (Maio, 1986), pp. 291-295. Tradução: Ricardo Miguel. Crítica na rede. Filosofia da mente. Disponível em: <<https://criticanarede.com/mary.html#footer>>. Acesso em: 27/03/2018.
- RUEDELL, A. *Hermenêutica e linguagem em Schleiermacher*. Nat. hum. 2012, vol.14, n.2, pp. 1-13. ISSN 1517-2430. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1517-24302012000200001&script=sci\\_abstract](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1517-24302012000200001&script=sci_abstract)>. Acesso em: 06/04/2018.
- TEIXEIRA, J. F. *Mente, cérebro e cognição*. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- WITTGENSTEIN, L. *Tractatus logico-philosophicus*. Trad. José Arthur Giannotti. São Paulo: Edusp, 1968.
- \_\_\_\_\_. *Investigações filosóficas*. Trad. Marcos G. Montagnoli. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

NOARA, A.

Submissão: 05.04.2018 / Aceite: 20.08.2018.